

Vonínio Brito de Castro¹
Flávio Bezerra Barros²
Rosa Elizabeth Acevedo Marín³
Nirvia Ravena⁴

Os vazanteiros, a agricultura de vazante e as barragens da destruição no médio rio Tocantins: perspectivas etnoecológicas

Introdução

Embora os estudos sobre conhecimentos ou saberes tradicionais⁵ (ALMEIDA, 2004) sejam recentes (ZENT, 2013), no médio rio Tocantins, a flora, a fauna, os rios e a ictiofauna são explorados e conhecidos pelo homem há milhares de anos (BUENO, 2005; CASTRO, 2005; MORALES, 2007; CASTRO e BARROS, 2015). Sob a égide dos conhecimentos etnoecológicos⁶ e os atributos sociais associados à natureza é que os modos de vida de gerações de povos tradicionais às margens do rio Tocantins têm sido reproduzidos. Sustentados em experiências com o

¹ Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor do Instituto Federal do Tocantins (IFTO). E-mail: voninio@ifto.edu.br.

² Professor dos Programas de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) e Antropologia (PPGA) da UFPA, e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: flaviobb@ufpa.br.

³ Doutora em História e Civilização pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (França), pós-doutorado na Université de Québec à Montreal (Canadá) e no Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine - IHEAL (França) e professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA.. E-mail: rosaacevedomarin@gmail.com.

⁴ Doutora em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), professora do PPGDSTU da UFPA e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: niravena@gmail.com.

⁵ Engloba, conforme Zent (2013) o conhecimento associado aos recursos da flora, terra e da água e o social. "Um sistema de conhecimento empírico adquirido através da observação e da transmissão entre membros de uma comunidade" (FERNANDEZ-GIMENEZ *et al.* 2006, p. 306). Grifo nosso

⁶ Rererindo aos conhecimentos tradicionais o termo parte da etnoecologia que é um ramo da Etnobiologia que permite estudar os conhecimentos e práticas tradicionais para entender, de maneira integral, as relações que o homem estabelece com a natureza (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2009).

cultivo agrícola denominado agricultura de vazante, os vazanteiros-pescadores e seus antepassados têm-se autoidentificado e autoreconhecido como tal e como categoria. Esse ajustamento deles com o meio ambiente garantiu a eles condições cognitivas para “desvendar e se apropriar da natureza” (FURTADO, 1993, p. 206).

A temporalidade dessa relação pragmática se traduziu em uma forte rocha de sustentação deles, de seus modos de vida e dos recursos naturais. James Scott, como interpreta Karl Monsma (2000), num texto sobre Leví-Strauss, defende como ecológicos e economicamente sustentáveis o manejo tradicional e a variedade de cultivares neles constituintes, pois são mais resistentes a pragas, comparados à monocultura. Esse modo de gerir, pautado na lógica tradicional, como o dos vazanteiros (CASTRO; BARROS, 2015) situa-se como indicador de sustentabilidade da natureza e dos atributos culturais, por envolver elementos intrínsecos como o amor e a afetividade dedicados às atividades produtivas (WANDERLEY, 2013; ZENT, 2013; BRANDÃO, 1999). O propósito aqui é pontuar e analisar as particularidades associadas a um sistema de cultivo milenar, denominado agricultura de vazante ou apenas vazantes, e refletir sobre a reciprocidade no ínterim dessas relações. Tal ousadia urge à medida que intempéries consequentes do avanço impiedoso da força do capitalismo, através das barragens sobre os ecossistemas, territórios e os modos de viver (NEVES, 2009) tradicionais, estão impossibilitando a continuidade das vazantes no médio Tocantins. Região que tem sido marcada por fortes disparidades ecológicas e sociais em consequência da implantação de sete usinas em funcionamento no rio Tocantins, duas delas no médio curso do rio, a UHE de Lajeado/TO,⁷ a montante da área de estudo e a UHE de Estreito - TO/MA,⁸ a jusante. Até então, os vazanteiros viviam da pesca e da agricultura de vazante (CASTRO; PEREIRA, 2009; CASTRO; BARROS, 2015). Hoje, o cultivo que persiste é realizado nos despenhadeiros, que são parte das vazantes, mas disponível em apenas algumas propriedades. Um processo de dessecação compulsório das áreas de cultivo, consequência da redução drástica do nível das águas seguida do aumento permanente desse nível com a segunda barragem, deu fim ao ciclo da cheia e ao cultivo na vazante baixa.

Tais circunstâncias permitem-nos entender as barragens como nítido exemplo das tentativas do capitalismo em apagar definitivamente a história, a cultura e os modos de vida tradicionais. A imposição arbitrária de uma lógica unilateral que pensa e veicula o [ante]desenvolvimento é

⁷ Construída e operada pela Investico, que a inaugurou em 2001.

⁸ Consórcio Estreito Energia-Ceste é a concessionária responsável pela construção e operação da UHE de Estreito.

contrário à lógica do “etnodesenvolvimento” (STAVENHAGEN, 1985)⁹, tornando evidente a contraditoriedade dessa lógica por excluir os povos tradicionais e suas práticas. Os questionamentos feitos são: “Que desenvolvimento queremos?”, “Para que e para quem servem as hidrelétricas?” (ACSELRAD, 2012).¹⁰ Tais interrogações se redundam nas expressões locais de inconformismo em virtude das consequências para a agricultura de vazante. A análise se dá em dois tópicos: o primeiro, sobre o funcionamento e a sazonalidade das “vazantes” e, o segundo, sobre a troca e reciprocidade pertinentes às sociabilidades locais, dialogando com Marcel Mauss (2002, 2003), Claude Lévi-Strauss (1960, 1977), Eric Pierre Sabourin (1999, 2008), Marshal Sallins (1972), Alain Caillé (1998) e Dominique Temple (2009). Embora os contextos analisados por esses autores e o dos vazanteiros apresentem elementos passíveis de analogias, a reciprocidade se estrutura diferentemente em suas análises. Tal como ensinam Souza e Fausto (2004, p. 100),¹¹ sobre Lévi-Strauss, “(...) o princípio de reciprocidade responde pela integração do grupo”, mas respeitando os ritmos diferentes dos povos e seus contextos. Enquanto vetores de temporalidades, as barragens têm ignorado esses sistemas e territórios tradicionais dos povos às margens/fronteiras da sociedade (SCHWARCZ, 2014)¹² para garantir o conforto, a riqueza e o poder de parcela das sociedades urbanizadas.

O médio rio Tocantins e a localização dos vazanteiros-pescadores

O estudo é resultado de trabalhos efetivados desde 2007 com 51 vazanteiros-pescadores do médio rio Tocantins, perímetro localizado entre o alto e o baixo Tocantins, ou seja, da UHE de Lajeado até a Cachoeira do Itaboca (PEDREIRA; ZIMMERMANN, 2014). Nesse território tradicional encontra-se a comunidade dos vazanteiros-pescadores vivendo há mais de dois séculos às margens do rio, no entorno das coordenadas de latitude 8° 5'4.85" Sul e longitude 48° 3'54.94" Oeste,¹³ Norte do estado do Tocantins, altitude de 140 m acima do nível do mar. Inclui propriedades das duas margens, pertencentes a Palmeirante/TO, à

⁹ Termo com que Rodolfo Stavenhagen se refere ao “desenvolvimento” de coletivos étnicos no interior das sociedades mais amplas. Em vez de um pequeno grupo hegemônico, o etnodesenvolvimento atende todas as sociedades por meio da distribuição equitativa dos benefícios, considerando suas particularidades.

¹⁰ Entrevista cedida a vários repórteres, ocorrida em 23 de abril de 2012, na cidade de Porto Alegre.

¹¹ Esses autores fazem um percurso nos trabalhos de campo e teorias elaboradas por Claude Lévi-Strauss acerca do dualismo envolvendo o tema da reciprocidade.

¹² Palestra concedida no seminário de debates “Agenda Brasileira: temas fundamentais para a sociedade”, organizado pela Companhia das Letras e o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, realizado em 5/12/2014.

¹³ Coordenadas da residência do Sr. Josias (A), um dos interlocutores deste estudo.

esquerda, e Itapiratins/TO, à direita (ver Figura 1). Ambos os municípios estão geograficamente ao Norte do estado.

Figura 1 – Área de estudo



Fonte: Mapa criado a partir do Google Maps e do site da Themag Engenharia (1996).

No sentido Sul, cerca de 280 km²,¹⁴ a UHE Luís Eduardo Magalhães ou UHE de Lajeado está funcionando desde 2001 e, ao Norte, a UHE de Estreito – TO/MA em operação desde 2010.

O estudo envolveu a “observação participante” (MALINOWSKI, 1978),¹⁵ a análise situacional (*Extensive-case analyses*) (GLUCKMAN, 1974)¹⁶ e o roteiro de entrevistas com perguntas semiestruturadas (TRIVINOS, 1987) e não estruturadas (GOLDENBERG, 2013).¹⁷ Interpretamos os dados pelo processo de textualização, a partir das narrativas locais sobre a agricultura de vazante. Desta forma, acessamos e analisamos suas particularidades como formas de plantio, sazonalidades do cultivo,

¹⁴ Medida baseada nas rodovias que ligam Palmeirante/TO e Lajeado/TO, local de instalação da usina Lajeado.

¹⁵ Complementada por outras abordagens no desenvolvimento da tese que deu origem a este estudo, a “observação participante” demanda a imersão, seja por longo ou intervalos do pesquisador de forma que ele interaja com seus interlocutores, associando-se à vida social deles (TASSARA; ARDANS, 2008). Os dados analisados foram coletados em inserções periódicas de duas e quatro semanas, realizadas desde 2007. Participamos das atividades de pesca, cultivo agrícola e demais sociabilidades do cotidiano local.

¹⁶ Leva-se em conta os aspectos que envolvem as sociabilidades no interior do coletivo social, as incongruências nas relações internas e externas, analisando cada caso como um processo (GLUCKMAN, 1987).

¹⁷ Requer-se do entrevistado “resposta livre, não limitada por alternativas apresentadas. O pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto” (GOLDEMBERG, 2013, p. 87).

agriculturas cultivadas. Entre as perguntas norteadoras do estudo, estão: O que é agricultura de vazante e o que significa ser vazanteiro? Quais as medidas de distâncias adotadas no plantio? Como se dão a aquisição e seleção das sementes a serem plantadas?

Agricultura de vazante: conhecimentos etnoecológicos

Com as vazantes nós não comprava carne, gordura, porque criava porco, plantava o milho pra despesa e pra vender. Tinha tudo que precisava. A gente plantava a vazante e plantava a roça fora né. E ali tinha tudo, num comprava nada (Raul Reis, 78).

A narrativa é um dos muitos relatos coletados em 2015, uma das vozes que mostram a riqueza produtiva, social e cultural das vazantes e ecoa nessa instância ecológica da Amazônia. Ela serve para refletirmos acerca desse modo de cultivar, mas também para entender como as barragens representam um retrocesso ao “etnodesenvolvimento” equitativo (STAVENHAGEM, 1985, 1991) das sociedades e à luta contra o monopólio capitalista.

A “Agricultura de vazante”, também denominada “Vazante(s)”, pode ser definida como sendo a agricultura cultivada nas planícies baixas de rios, açudes e igarapés, sustentada pelos aluviões deixados no solo durante a cheia. “Vazante(s)” refere-se ainda às agriculturas cultivadas e a todo o processo/sistema¹⁸ do cultivo em si que representa uma das muitas formas de várzeas existentes na Amazônia, distintas pela dinâmica da cheia e da vazante e a (macro) sazonalidade do cultivo que rege o calendário local. No médio Tocantins, as vazantes ocorrem de abril a novembro, contudo, as disparidades das chuvas permitem que, em invernos curtos, perdurem o ano todo.

Os geógrafos Júlio Paternostro (1945), Lysias Rodrigues (1945) e Fátima Oliveira (2008) e os arqueólogos Walter F. Morales (2007), Bueno (2005) e Pedreira e Zimmermann (2014) evidenciam a existência desse cultivo como remoto nesse horizonte amazônico. Remanescente das primeiras formas agrícolas incrementadas pelos povos primeiros [caçadores-coletores] e reproduzido historicamente pelos modos de vida às margens do rio Tocantins, a exemplo dos vazanteiros-pescadores. Tais conclusões denotam a proposição de Neves (1996), Mazoyer e Roudart (2008)¹⁹ de que a agricultura das várzeas e a roça de

¹⁸ Segundo Mazoyer e Roudart (2008), todo modo de cultivo complexo é estudado como sistema (o sistema agrícola). Os subsistemas (Ecossistema Cultivado e o Sistema Social Produtivo) também possuem subsistemas. Os modos de cultivo se transformam diante da transformação dos ecossistemas.

¹⁹ A agricultura surgiu da “Revolução agrícola neolítica” (passagem do estágio predatório – caça e coleta –, para o estágio da agricultura, por meio do plantio e da domesticação de

toco/coivara²⁰ são as formas de cultivo mais antigas. Na região, devido ao solo arenoso, até a década passada não havia outra maneira de cultivo.

Apesar das diferenças nas formas tradicionais de cultivo na Amazônia (FRAXE, 2000; FURTADO, 1993; ALENCAR *et al.*, 2014), elas são análogas por serem praticadas nas zonas tropicais, tecnologia²¹ própria e do regime familiar, visto que todos os membros mantêm uma relação de simbiose com a terra e o rio. As especificidades da agricultura de vazante revelam o modo como o vazanteiro pensa e vive a natureza, distinguindo-os das demais sociedades. Além disso, o homem das vazantes não produz para o mercado, logo, não exerce uma atividade capitalista, nas definições de Marx (1963)²², pois sua prioridade, contrária à acumulação de capital, é o consumo local e a reprodução social. A inserção do “espírito do lucro” (WOORTMANN, 1990), ou seja, da relação mercantil, fragiliza o sentido real vivido há séculos pelas gerações locais.

A exploração dos ambientes inundáveis não é uma particularidade do médio rio Tocantins ou da Amazônia, nem tão pouco do Brasil, pois ao longo do rio Nilo esse fenômeno agrícola era presente. No sexto milênio, a inundação era indispensável à manutenção dos sistemas econômicos às margens desse rio. O plantio era realizado após o recuo das águas, “quando os solos estavam embebidos e enriquecidos pelos depósitos de aluviões e a colheita acontecia na primavera” (DE ARAÚJO; PORTO; SILVA, 2004, p. 176).

No médio Tocantins a agricultura de vazante se divide em vazante baixa e vazante alta, esta última mais citada como cultivo na terra alta. A primeira compreende o espaço entre a água do rio e o barranco, área imediatamente inundada pela enchente durante o período de chuva. A segunda é mais extensa, inicia no barranco do rio e inclui o entorno da residência, local onde é raramente inundado. Na primeira (ver Figura 2) o solo é mais úmido por permanecer mais tempo inundado e receber, anualmente, alta carga de aluviões, sedimentos que o fertiliza.

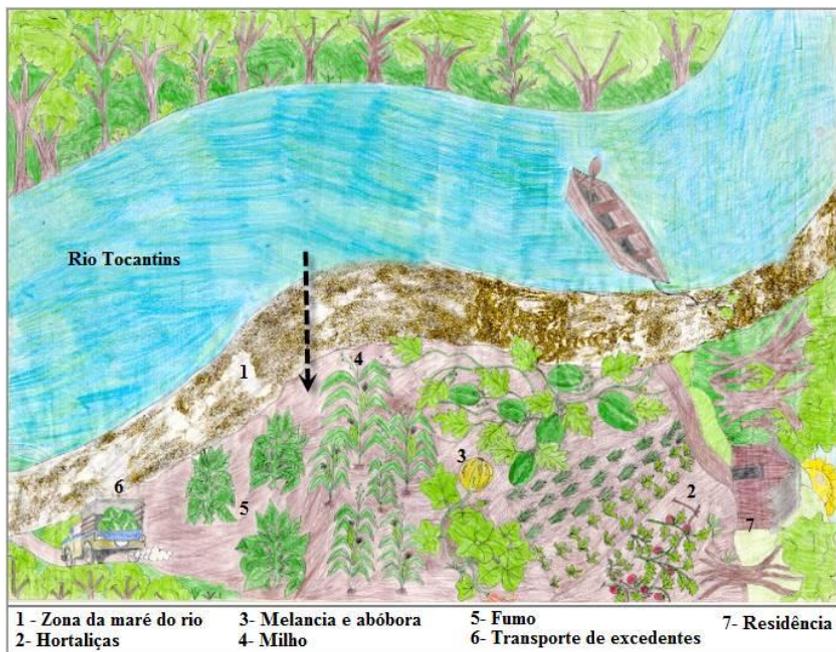
animais), iniciada entre 10.000 e 5.000 anos atrás. Nasceu da necessidade de domesticar animais e semear plantas com rústicas criadas da observação à natureza (MAZOYER; ROUDART, 2008; NEVES, 1996).

²⁰ Nesta, há o sistema de pousio, estratégia ecológica em que o espaço cultivado é abandonado pelos três ou quatro seguintes anos, para recuperação da biomassa vegetal (BRANDÃO, 1981). “(...) um modo de cultivo cujo período de uso é inferior ao período de pousio (...)” (PERONI, 2004, p.61).

²¹ Ferramentas rudimentares pouco potentes – enxada, foice, machado, cutelo, matraca e facão.

²² Para Marx, o processo de trabalho na produção capitalista é controlado pelo capitalismo, que também é seu dono. O produto resultado desse trabalho é a propriedade do capitalista e não do produtor imediato. Este recebe do capitalista o valor pela força empregada na produção do produto.

Figura 2 – Agricultura de vazante no médio Tocantins



Fonte: Desenho feito pelos interlocutores como retrato da configuração das vazantes.

Na vazante baixa são cultivadas espécies que dependem de mais umidade, enquanto na vazante alta são cultivadas espécies que são pouco dependentes de água, por isso o cultivo requer mais tempo. Entre esses dois ambientes de cultivo, em algumas propriedades há os despenhadeiros, onde hoje é mais explorado com a prática do cultivo. “Lá fora”, na terra alta, cultiva-se mandioca (*Manihot esculenta*), abóbora (*Cucurbita moschata*), arroz (*Oryza sativa*), mamão (*Carica papaya* L), milho (*Zea mays*) e pimenta (*Capsicum spp*).

Na vazante baixa, o cultivo é considerado rápido, entre 2 e 4 meses, o suficiente para a safra de: milho, feijão trepa-pau (*Phaseolus vulgaris*), melancia (*Citrullus lanatus*), abóbora (*Cucurbita moschata*), fumo (*Nicotiana tabacum*) e hortaliças – cebola (*Allium cepa*), coentro (*Coriandrum Sativum*), alface (*Lactuca sativa*), tomate (*Solanum lycopersicum*), pepino (*Cucumis sativus*), quiabo (*Abelmoschus esculentus*), dentre outros.

Essas variedades (ver Figura 2), quando cultivadas na roça de toco/coivara, demandam mais tempo e esforço humano, por isto

prefere-se o cultivo na vazante baixa, já que a roça é desenvolvida em terra firme, fora das margens do rio e do alcance das enxurradas. Enquanto na roça o cultivo se dá em cinco etapas – broca,²³ derrubada,²⁴ queima²⁵ da vegetação, coivara²⁶ e plantio²⁷ –, na vazante são literalmente quatro, sendo duas delas realizadas pelo rio, sem o esforço humano (ver Quadro 1).

O Quadro 1 sintetiza o cultivo nas vazantes em quatro etapas, duas delas são realizadas pelo rio, em sintonia com as chuvas.

Quadro 1 – Agricultura de vazante: etapas do cultivo

Etapas do cultivo		Atividades realizadas	Responsável
1	Preparação da área	Corte ou achatamento do mato alto	Vazanteiro
2	Limpeza e aplainação do solo que receberá o cultivo	A cheia traz os sedimentos que, misturados ao mato achatado, eliminam as desigualdades do solo	O rio
3	Adubação	Sedimentos misturados e o húmus fertilizam o solo formando um aluvião através da cheia	O rio
4	Plantio	Demarcação e plantio manual dos cultivares	Vazanteiro

A primeira e a última etapas resultam do esforço do vazanteiro, enquanto a segunda e a terceira, do rio. Após o vazanteiro baixar a vegetação, o rio, em conjunto com a força da chuva e a enxurrada, faz a aplainação e a adubação do solo para que o vazanteiro possa plantar, cultivar e fazer a colheita. Toda a arte do cultivo, desde o plantio, se deve à criatividade e à habilidade das mãos de cada membro do grupo doméstico. Assim, a viabilidade da vazante como cultivo agrícola se deve também ao reduzido número de etapas e do custo em todo o processo. A terceira, a adubação cuja atribuição é do rio, é vista como a mais importante por envolver a comunicação entre o rio, as chuvas e os astros.

²³ Roço/corte da vegetação baixa e fina antes da derrubada.

²⁴ Corte das árvores de grande porte para eliminar o máximo as áreas de sombra.

²⁵ Transformar a vegetação derrubada em cinzas que vão fertilizar o solo.

²⁶ Retirada dos tocos, pauseras, raízes que ficaram da queima. Isto permite os sedimentos penetrarem no solo.

²⁷ Etapa realizada geralmente pela família.

Além da rapidez, os produtos cultivados na vazante têm melhor qualidade e quantidade, mesmo sendo operada em um espaço inferior ao da terra alta e do despenhadeiro. O vazanteiro Ananias (66) expõe:

Na vazante, você pode plantar um pedacinho pequenininho e ele dá muito, dá muito mais do que num pedaço grande no alto. No alto nunca dá como na vazante. Na vazante é [o espaço] pequeno mas dá mais resultado, chega mais rápido o legume. O de fora [terra alta] tem vez que é cinco mês ou mais. No rio é imediato ele chega, o legume na vazante chega cresce muito.

A temperatura e a umidade do solo, aliadas ao zelo e o cuidado no cultivo do plantio, para a colheita são fatores cruciais na vazante: “(...) a terra da vazante era fresca toda vida, não precisava de aguar. Era fácil de zelar, a terra já era adubada, não tinha toco” (Raimundo Bedia, 46 anos). Tais características fisiológicas tornam esse cultivo mais viável, além de atender ao consumo e à reprodução social local, as vazantes se revelam como alternativa fundamental para interação inter e intrafamiliar através do mutirão, trocas de diárias, de sementes e venda de excedentes que permitem a interação com feirantes e o comércio e lojas na aquisição de roupas e ferramentas. A vazante supera a roça, afirma Nego da Elvira. Vejamos:

A renda de uma vazante dá 4 vezes a de uma roça. A renda de uma vazante por ano dava por quatro ano eu trabalhando em roça. Na vazante, o máximo de duas tarefas eu fazia dinheiro demais. Já a roça, eu brocava de foice, derrubava de machado, mas já tava proibido a vazante na época, mas quando eu plantava vazante eu não plantava roça, porque a vazante já era o suficiente e trabalha menino, mulher e todo mundo.

A força de trabalho humana na vazante inicia-se praticamente com o plantio, pois nas demais etapas tal intervenção é nula, salvo no primeiro cultivo em que o vazanteiro faz uma preparação do terreno antes da cheia chegar. Constitui-se em cortar o mato mais alto ou apenas “amassá-lo” para que ele apodreça sob a cheia. Podre, ele passa a misturar-se ao conjunto de sedimentos que eles denominam de “bagulho/remonte”, trazidos pela água. Uma composição de resíduos que forma o aluvião, a adubação natural deixada no solo.

(...) Quando era a primeira vez, quando o rio vinha, às vezes, a gente roçava algum pauzinho, tudo seco ali né, mas só a primeira vez, daí por diante, é só o rio mesmo que prepara. Às vezes, tava só mato mole, aí o rio vinha tapava tudo. Aquele mato, quando o rio baixava, o mato apodrecia, porque ele ficava muito tempo embaixo d’água e naquele tempo o rio enchia muito (...) (Billi, 49).

O adubo que vem do rio

A adubação como etapa da vazante resulta de um fenômeno natural e alheio à ação humana. A observação a esse fenômeno na remota interação com o rio e a terra tem rendido aos vazanteiros a continuidade deles e de suas tradições. Mais ainda, isso tem permitido a reprodução de seus modos de vida (ALENCAR *et al.*, 2014). Dênio (34 anos) explica a função do rio nesse processo:

O rio enchia muito né, o rio lavava as vazantes, aí muitos de nós, quando o rio começava a encher, já roçava as vazantes. Quando o rio passava, deixava limpinha, só no jeito de plantar. Aquele bagulho que você roçava e ficava ali, o rio era responsável pra limpar. Então, quem tinha vazante, o rio deixava ela limpinha. O rio passava muitos dias cheio, um mês naquela época. Aí aquele bagulho apodrecia né e era carregado pela água. Esse bagulho é só o adubo, o rio é que deixava. A responsabilidade era dele. O rio era responsável pra deixar aquela camada de terra ali com o adubo. Era só plantar.

Ao limpar o rio, corrige as desigualdades do terreno, através da deixa de sedimentos que cobrem as fissuras e buracos existentes no solo. O adubo que vem do rio é o resultado da mistura da biomassa formada pelos troncos, gramíneas, galhos e folhas secas das árvores dispostas no cerrado em áreas inundáveis, que são carregadas pela água. “É essas folhas velhas no baixão de terra que quando o rio enche, aí essas folhas apodrece e a folha é um grande adubo né. Aí vem a água no beiradão ali, e aquela poluição e tudo vai só adubando as terras. Fica bom demais” (Raimundo Bedia). Esse emaranhado de resíduos formado pela mistura de componentes podres, denominado “remonte, bagulho, garranchera”, constitui o próprio adubo que se junta ao barro e à areia do terreno, deixando-o nivelado e preparado para receber as sementes das mãos do vazanteiro(a). “Quando o rio enche, ele já deixa a vazante adubada né. O rio carrega o mato roçado e deixa o adubo. Aquela garranchera, quando ele sai, já tá no jeito de plantar” (Manoel Ananias). O rio é o mentor e idealizador do aluvião, por meio do fenômeno da cheia e da estiagem.

O cultivo emanado do processo coletivo se sustenta e sustenta a unidade doméstica (ALENCAR *et al.*, 2014; BRANDÃO, 1981; WOORTMANN e WOORTMANN, 1993). Adultos, jovens e crianças partilham do conhecimento de todo esse processo agrícola. As mulheres, tal como os homens, detêm o saber com maestria, passam mais tempo nas vazantes que em casa, mais que os homens, pois também cuidam das hortaliças – tomate, pepino, cebolas, coentro, pimenta (*Capsicum spp*). Estas demandam atenção diária. Laura cresceu atuando nas vazantes com os pais e depois ao lado do esposo e filhos. Em poucas palavras, ela revela:

Antigamente o rio enchia. Quantas vezes o rio chegava aqui, tudo ficava debaixo d'água, a água andava isso aí tudo. O adubo que ficava na terra é essa folha veia do mato que apodrecia. Na água, apodrece rápido demais e a água com aquele movimento ia aterrando aquela folha no chão, né. A gente enfiava a enxada no chão assim [gestos com a mão], chega aquela terrona fofo. Ficava uma terra bonita. Ela ficava misturada, barro com areia, que ficava nem só areia, nem só o barro. Ai depois começava a criar mato, a pessoa ia limpar de enxada, limpar o plantio. Era pouco lugar que ficava pra limpar (Laura, 54).

As revelações dos vazanteiros são articuladas com emoção e tristeza, ao lembrar que não podem mais contar com a vazante, exceto lá fora e nos despenhadeiros. Com a barragem, tornou-se impossível, dada a proibição ao uso das margens do rio. Para os vazanteiros, a vazante também tem um papel terapêutico, é o espaço preferido da família, sua importância supera sua materialidade para significar uma atividade sociocultural e cosmológica que os mantém conectados à natureza e aos seus antepassados, através da reprodução dessa prática.

Mais que uma exploração dos recursos naturais, a vazante resulta da relação íntima, afetiva entre o vazanteiro e a natureza. O prefácio²⁸ de Witkoski na segunda edição do livro *Homens anfíbios*, de Terezinha Fraxe, vislumbra que a natureza sem a presença do homem é “carente de perspectiva teleológica” (WITKOSKI, 2010), ou seja, sem finalidades, carente de propósitos. A presença do homem transforma a natureza tornando-a útil a ele. Assim, a Amazônia como um celeiro de biodiversidade não pode ser pensada dissociada do amazônida e vice-versa.

A sintonia dessa interação está condicionada ao estado dos ecossistemas que, em equilíbrio, contribuem para a reprodução da biodiversidade e da *práxis* local. O equilíbrio é mantido pela estabilidade entre a produção de matéria orgânica e sua perda, ou seja, “(...) a quantidade de matéria orgânica produzida a cada ano pela fotossíntese é igual à quantidade de matéria orgânica destruída pela respiração e pela decomposição do leito” (MAZOYER; ROUDART, 2008, p. 79). Um balanceamento entre os dois extremos significa que a soma de gás carbônico, de água, nitrogênio e de sais minerais, elementos que, naturalmente, são absorvidos e fixados na matéria orgânica, deve superar o total liberado pela respiração e decomposição. Então, a liberação de oxigênio pela fotossíntese deve ser compensada pela absorção de oxigênio no processo de respiração e decomposição de vegetais mortos. Aliás, “Um ecossistema estável não ‘cria’ nem ‘perde’ nada, mas recicla tudo” (Idem).

²⁸ Prefácio intitulado Singularidades da Racionalidade Camponesa na Várzea Amazônica, no livro *Homens anfíbios*, de Terezinha Fraxe, publicado em 2000.

Esse dinamismo que se articula na interação do vazanteiro com o rio é uma relação imprevisível e, ao mesmo tempo, recíproca (INGOLD, 2010). O vazanteiro doa seu suor e sua afetividade em agradecimento ao rio e à terra que exercem funcionalidades próprias doando sua força, fertilidade, habilidade e energia, contribuindo com o vazanteiro no desenvolvimento de suas atividades produtivas, necessárias para a sua constituição e reprodução física e social. É recíproco, à medida que o primeiro doa ao segundo sua energia e seu afeto (BRANDÃO, 1981). Esse papel plural da vazante e do rio os torna mais que um recurso natural, configura-se como uma dimensão cosmológica, social e cultural que os coloca no mesmo nível do humano, mais que isto, o rio é divino. Rosimeire (30 anos) explica que o adubo químico foi inserido na região pelo Ceste²⁹, após a UHE Estreito (TO/MA). Até então, não havia esse custo, pois a adubação vinda da cheia permitia plantar de tudo,

(...) tudo o que plantava dava. O rio é que prepara as vazantes pra nós plantar. Então eu digo que o rio é uma mãe. Ele dá o peixe, a água, os legumes para nós. O rio é uma mãe porque ele dá tudo. Tudo o que a gente planta dá. Qualquer coisa que quisesse plantar, dava. O rio enche a barriga da gente (Rosimeire).

O método natural de adubação na vazante se difere das demais formas de cultivo. Na roça de toco, a fertilização é gerada da queima da vegetação, as cinzas são os sedimentos que se espalham e penetram no solo ao longo da área a ser cultivada formando o adubo. Já na agricultura intensiva, a adubação surge da inserção de agrotóxicos no solo, através de maquinários, o que acelera o crescimento da plantação e o amadurecimento dos legumes.

Na vazante, os sedimentos trazidos pela inundação, ao misturar-se com a terra das vazantes, transformam-se em matérias orgânicas nutritivas – gás carbônico, água e sais minerais –, indispensáveis no processo de fertilização. Não faltando tais nutrientes, o cultivo não é interrompido, pois ele, sinalizam Mazoyer e Roudart (2008, p. 81), “(...) é essencialmente condicionado pela presença de água no solo e pela riqueza dessa água em sais minerais nutritivos dissolvidos (a solução do solo)”. Isto explica a grande variedade da policultura proporcionada pelo cultivo nas superfícies inundáveis.

‘Nas vazantes a gente plantava de tudo, tudo o que plantava, dava’: variedades cultivadas nas vazantes

As vazantes podem prolongar-se e funcionar o ano inteiro, aliadas à regularidade desse ciclo que permite a diversificação das agriculturas. A mandioca é mais plantada na roça de coivara, como faziam os índios caiçaras da Mata Atlântica, que a plantavam em setembro e só no ano seguinte

²⁹ Concessionária responsável pela construção, instalação e operação da UHE Estreito (TO/MA).

retiravam as raízes (PERONI, 2004). Na vazante, esse processo se dá entre abril, com a terra já enxuta, e outubro, sendo que, na iminência do início das chuvas, plantava-se as manivas novamente. O arroz planta-se em outubro e à medida que as águas adentram o plantio, o corte é feito. No mês de março, logo na baixa das águas do rio, repete-se o plantio. O milho é plantado duas vezes, como explica Billi (54 anos)

Nas primeiras águas, nas primeiras chuvas no final de setembro a gente plantava o milho, quando o rio vinha, o milho tava de boneca. Em novembro e dezembro a gente começava a colher, mas as vezes nem dava de quebrar tudo. A gente entrava de canoa quebrando milho e colocando dentro.

Além de reduzir o tempo de cultivo, na vazante permite-se a colheita duas vezes ao ano, assim, há melhor proveito das terras baixas e o aumento de estoque em suas casas. Não está isento o risco de perder todo o trabalho e a safra para a inundação, como descreve Raimundo Bedia: “Tinha vez que tava acabando de colher o milho ai vinha o rio e tomava. Tinha vez que o arroz não dava nem tempo de cortar.” A sazonalidade desse cultivo é traduzida como fartura, sempre tinha algo sendo cultivado: “As vazantes era uma riqueza grande. O ano inteiro tinha coisa plantada nas vazantes, mas quem planta nas vazantes no inverno era arriscar, porque o rio vinha e cobria tudo. Tinha vez que era um prejuízo medonho, mas o pessoal plantava mesmo com o risco” (Zé Damiana). Quando há prejuízo, o rio não é responsabilizado, já que o risco existe e, portanto, a decisão de plantar, e depois ter que colher na iminência da chegada da inundação, cabe ao próprio vazanteiro. A área da vazante não é deles, afirmam, mas do rio que a controla e a utiliza durante o inverno para correr suas águas. A vazante é a “cama do rio”, como aponta Ana: “A gente não ficava com raiva do rio, porque nós sabe que aquele lugar é dele. Todo mundo sabe que a região da vazante é do rio. A gente sabe que a vazante é cama do rio, por isso, não reclama que o rio dava prejuízo.”

A mandioca na Amazônia é o legume mais cultivado por povos tradicionais (PERONI, 2004). Seus derivados são os principais ingredientes da dieta alimentar, tão importante quanto os recursos pesqueiros (ALENCAR *et al.*, 2014; PERONI, 2004). Ao lado do milho são os produtos preferidos dos vazanteiros. Da mandioca, fabricam farinha, tapioca, puba e bolos, dentre outros. O milho tem múltiplas utilidades; o milho verde é comido cozido ou assado e dele fazem pamonha, além de alimentar as galinhas e engordar porco no chiqueiro.

O Quadro 2, a seguir, ilustra a sazonalidade regular do cultivo nas vazantes, o pico da cheia é em janeiro e a estiagem começa em abril. Todo o cultivo se dá entre abril e outubro.

Quadro 2 – A sazonalidade do cultivo das vazantes no médio Tocantins

N	Cultivos	Nome científico	Plantio	Colheita
1	Milho	<i>Zea mays</i>	Abril/maio	Junho a outubro
2	Arroz	<i>Oryza sativa</i>	Abril	Julho
3	Jerimum	<i>Ananas Sativas</i>	Abril	Julho
4	Abóbora e Jerimum	<i>Cucurbita moschata</i>	Abril	Julho
5	Feijão trepa-pau	<i>Phaseolus vulgaris</i>	Abril/maio	Julho/agosto
6	Melancia	<i>Citrullus lanatus</i>	Abril	Julho/setembro
7	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	Abril/maio	Outubro/novembro
8	Fumo/tabaco	<i>Nicotiana tabacum</i>	Abril a junho	Julho a novembro
9	Cebola	<i>Allium cepa</i>	Abril a junho	Julho a novembro
10	Coentro/cheiro verde	<i>Coriandrum Sativum</i>	Abril a junho	Julho a novembro
11	Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Abril a junho	Julho a novembro
12	Tomate	<i>Lycopersicon esculentum</i>	Abril a junho	Julho a novembro
13	Jiló	<i>Solanum gilo</i>	Abril a junho	Julho a novembro
14	Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Abril a junho	Julho a novembro
15	Pepino	<i>Cucumis sativus</i>	Abril a junho	Julho/agosto
16	Pimenta	<i>Capsicum spp</i>	Abril a junho	Julho a outubro
17	Banana	<i>Musa sp</i>	Abril a junho	Junho/julho

Entre as espécies cultivadas nas vazantes (ver Quadro 3, abaixo), a melancia é a fruta mais cobiçada nas feiras da região, destacando-se entre os excedentes, por isso dedicam maior área e tempo no cuidado. Havia quem plantasse somente essa espécie por causa da rapidez de seu resultado. Como a abóbora, ela era plantada no mês de abril, logo que a água baixava, mas o cultivo da melancia é mais rápido, a colheita é feita dois meses após o plantio; já a segunda, após três meses. “É assim, ela [a melancia] é muito rápida, quando ela começa a estirar o bracinho, já é saindo as figuinha. É muito rápida. A abóbora é do mesmo jeito, é muito rápida pra dar também. Eu achava bom demais” (Manoel Ananias).

O conhecimento sobre sementes e o nível de umidade do solo é um dos fatores que influenciam na qualidade dos cultivares. A melancia, quando plantada na terra úmida recebe uma coloração amarelada, por isso, seu plantio ocorre na terra enxuta, para que a planta nasça e se desenvolva em condições propícias. Cada espécie demanda saber e cuidado específicos de sua dinâmica, tipo de solo e temperatura deste. Arroz e milho são cultivados consorciados (BRANDÃO, 1981). Em cada vazante, o desempenho da planta se difere, explica Rita:

Quando é na terra alta é uma coisa, quando é na terra baixa é outra coisa. Quando é na terra alta, a gente, quando alimpa a terra, costuma plantar logo o milho, porque você vai esperar a chuva pra vir e molhar a terra. E na vazante baixa quando o rio baixa, a água já vai escorrendo e a gente vai plantando o milho. A mesma coisa do arroz.

A mandioca planta-se na terra enxuta, deve-se, então, esperar o solo da vazante enxugar, pois terreno umedecido pode apodrecer a maniva. A abóbora e a melancia, por serem ramas, devem ser plantadas não muito próximas uma da outra. Ambas se desenvolvem da mesma forma e ao mesmo tempo, porém, a segunda é colhida antes, no início de setembro toda a safra já foi retirada. A abóbora é cultivada por um período mais longo, até o inverno seguinte, já o jerimum, uma de suas variedades, tem a preferência da maioria: “O jerimum é um tipo de abóbora, ela é talhada, ela é mais própria pra gente comer ela com carne. A folha não é de gancho que nem a abóbora não, a abóbora tem a folha repicada e o jerimum é uma folha só” (Nego da Elvira). O fumo e a banana são cultivados nas vazantes. A banana está em toda a margem do rio, as mudas são plantadas no início das chuvas, e seis meses depois os cachos já são retirados. O fumo/tabaco é historicamente uma espécie cultivada em locais de barro na vazante baixa. O plantio ocorre no mês de março e as talas são retiradas em agosto. Seu cultivo foi interrompido a partir do reservatório da UHE Estreito. A inserção de variedades industrializadas conduziu rapidamente seu fracasso, relata Terezinha (76 anos): “O fumo, nós parou logo, porque foi indo, foi quando logo entrou o outro cortadinho. Já, o povo não quiseram mais. Tem uns dez anos que paramos. Você sabe o povo gosta só do que é bom, mas achando cortadinho, não ia plantar” (Terezinha do Lucas).

James Scott, citado por Monsma (2000) e Lourdes Furtado (1993), denota que a policultura é característica no cultivo realizado pelos povos tradicionais. Na tabela a seguir, listamos as variedades das espécies cultivadas nas vazantes.

Quadro 3 – Espécies e variedades de cultivares na agricultura de vazante no médio Tocantins

VARIEDADES					
N	Mandioca (<i>Manihot esculenta</i>)	Milho (<i>Zea mays</i>)	Arroz (<i>Oryza sativa</i>)	Feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>)	Melancia (<i>Citrullus lanatus</i>)
1	Jaibara (brava)	Comum	Beira campo	Manteiga	Rajada
2	Macaxeira (mansa)	40 dias	Bacaba (casca preta)	Corujinha	Paulista branca
3	Mucuruna	Pamonha	Agulhinha (três meses)	Vinagre	Uruana
4	Utinga	Ibra	Arroz ligeiro	Barrigudo	Paulista rajada
5	Tapioqueira	Agrocel/ cunha (comprido e sabugo fino)	Agulhão (tardão)	Saia velha (caroço vermelho)	Paulista redonda
6	Najá	Angola	Bico ganga	Trepa pau	Caiana
7	Gaera do olho branco (brava)	Pipoca	Arroz jato	Arranco	Muscaté
8	Gaera do olho roxo		Arroz cabeludo	Trepa pau vinagre	Carolina
9	Macaxeira cacau		Arroz preto	Arroz ou feijão do padre	Japonesa
10	Macaxeira pão		Arroz vermelho	Arranco	Pingo de ouro
11	Juriti do talo vermelho		Arroz do talo roxo	Sempre verde	
12	Imburana		Arroz anão	Vinagre	
13	Rochona,		Trinca ferro		
14	Jatobá				
15	Sutinga				
16	Jabuti				
17	Macaxeira do talo verde				
18	Macaxeira do talo vermelho				
19	Macaxeira do talo roxo				

Tais espécies e variedades correspondem às preferências locais no cultivo. A “mandioca” é a espécie que contém o maior número de variedades (19 no total), seguida do arroz (13), feijão trepa-pau (12) e da melancia (10). Essas preferências têm como pano de fundo a experiência da família com o manejo, o solo e a intimidade com os astros. Peroni (2004 p. 64) lembra: “(...) a diversidade de espécies agrícolas que um agricultor detém, ou a chamada agrobiodiversidade, representa o que, num determinado momento, melhor se adapta àquela condição do ambiente manejado”. Esta particularidade resulta “(...) de anos anteriores de experimentação e modificação das populações dessas espécies” (Idem). A própria diversidade é um fator adaptativo atrelada às variações ambientais, climáticas, biológicas e socioeconômicas.

Cultivo nas vazantes: particularidades locais do plantio de sementes

Como toda várzea na Amazônia, as vazantes estão associadas à dinamicidade dos ecossistemas, assim, demandam especificidades como distanciamento das covas e número de sementes nelas depositado. O Quadro 4 ilustra esse processo.

Quadro 4 - Distanciamento e quantidade de sementes/caroços colocados nas covas

Culturas	Nome Científico	Distância entre as covas		Nº de sementes
		Palmas/braças	Metros/cm	
Milho	<i>Zea mays</i>		½ ou 1 m ²	3 a 5
Melancia	<i>Citrullus lanatus</i>	1 braça	2 m	4/5
Feijão	<i>Phaseolos vulgaris</i>	2 palmos	40 cm	3 a 5
Arroz	<i>Oryza sativa</i>	2 palmos	30 cm	4 a 6
Abóbora	<i>Cucúrbita moschata</i>	1 braça	2 m	3 a 5
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	Cabo de enxada	1 ½ m.	1 a 3 manivas

Ao confrontar os saberes sobre cada cultivo, nota-se uma possível padronização local. Há uma tendência para uma vaga semelhança tanto no número de sementes quanto na distância entre as covas, mas prevalecem variações em função das particularidades de cada grupo doméstico.

É unânime a noção de que tais fatores e a umidade do solo influenciam o desenvolvimento da planta. No geral, o plantio do milho varia entre $\frac{1}{2}$ e 1.0 m² entre as covas, e nelas são colocados entre três e cinco caroços/sementes, assim, a planta não cresce muito e tem espessura adequada e produz espigas grossas, o que não ocorre em plantio próximo e muitos caroços nas covas. Estas, no plantio de melancia, devem ter entre $\frac{1}{2}$ e uma braça³⁰ de distância, quatro ou cinco sementes em cada; em uma distância menor, as ramas encontram-se, impedindo a raiz de engrossar e desenvolver-se.

Para o feijão trepa-pau e o arroz, dois palmos³¹ separam uma cova da outra, com dois e quatro caroços em cada para o primeiro, acima disto, dá pouca bajem e não engrossa, e, para o segundo, entre quatro e seis ou o que couber na matraca³² ou possa ser abarcado em dois dedos. Quanto mais distante/falhado e menos caroços, melhor a qualidade dos cachos. Abóbora e o jerimum requerem pouca umidade, suas covas são separadas por uma braça de distância e três a cinco sementes na cova. Já para manivas a distância entre as covas é medida com o cabo da enxada, um metro e meio aproximadamente.

O uso de técnicas³³ tradicionais por meio de recursos próprios mostra que as práticas comunais baseadas na troca e reciprocidade contribuem para o processo de acumulação, socialização e reformulação do conhecimento (INGOLD, 2000). Certamente, são um diferencial desses povos e de seus “modos de viver”. O preparo e cultivo de hortaliças nas vazantes são pensados e elaborados pelas mulheres. Os canteiros são implantados no solo ou em cima de estruturas de madeira, nas vazantes, e o esforço humano dedicado no cultivo é reduzido em função da proximidade da água, da fertilidade e umidade do solo. Tudo isto permite resultado rápido e o cultivo durante todo o período de estiagem (abril a outubro).

‘A lua é o planeta do plantio’: tabus locais associados ao plantio

De todos os astros visíveis aos olhos humanos, a lua tem mais influência nas vazantes. A observação aos seus ciclos e efeitos remonta aos antepassados dos vazanteiros e são determinantes no sucesso da safra de

³⁰ Uma braça corresponde a dois metros.

³¹ Cada palmo corresponde a 20 centímetros, aproximadamente.

³² Também denominada pelos vazanteiros de “perna/pé de grilo”, é uma máquina usada para o plantio de arroz e feijão em fileira.

³³ “Técnica” aqui é um mecanismo de intermediação entre humano e não humano, seu valor simbólico é crucial na construção da pessoa (INGOLD, 2000; DESCOLA 1994a e SAUTCHUK, 2007). Um processo prático que rejeita as noções deterministas na formação humana, como a noção construtivista de que a natureza não passa de uma simples criação simbólica gerada da cultura ou que ela determina o homem. A técnica está além do seu valor material, técnica e prática na relação homem e natureza são indissociáveis (SAUTCHUK, 2007).

qualquer agricultura. Raimundo Bedia explica: “Tudo é na luada, num planto nada se não ser na luada certa. Ou eu planto a mandioca no chei da lua até 6 dias. Se o chei dela deu dia 30 eu vou até dia 5 plantando.” Cada planta ou legume demanda cuidados específicos por responder diferentemente à dinâmica dos astros. Tudo o que é rama se planta nos dias fêmeas (de segunda a sexta-feira) e no quarto crescente da lua. Na minguante ou “lua fina”, o plantio pode retardar o crescimento da planta, a melancia não se desenvolve, permanece “pororoca”, ou seja, pequena e sem qualidade, imprópria ao consumo. Já na lua crescente, ela se desenvolve e com qualidade. Nego da Elvira sabe identificar a melancia madura. Vejamos:

A melancia, quando ela tá madura ela tá caroçada sabe, se quiser passar a mão nela, você passa e sente na mão, se não, você vê o anele, ela tem um anele no talo encostado da rama. No pezinho do talo dela. Aquele anele tando verdinho não tem nenhuma dúvida, pode tirar a melancia que ela tá verde. Se começou a murchar, começou a secar o anele, a melancia tá madura.

A qualidade e o sucesso do cultivo são condicionados ao manuseio da planta, sobretudo no posicionamento da rama, para que não embole, pois o vento pode virá-la facilmente. O segredo é visitá-la diariamente e fazer o manejo necessário. Seu desenvolvimento depende do calor e da energia humana, como uma horta. É o que Nego da Elvira acrescenta,

A melancia é uma horta, todo dia tem que tá dentro dela. É o calor da gente, todos os dias tem que está com ela. Tem que arrumar a rama dela. Se o vento torcer a rama, se você deixar ela durmir com a rama daquele jeito, no outro dia não adianta mais. Ela não dá melancia, não vai pra frente. Todos os dias tem que ir lá, organizar e colocar um bolinho de barro encima da folha dela pra rama seguir. Todo dia tem de tá lá de tarde pra consertar a rama dela. O vento pega e troce ela, quando o vento troce, aí pronto acabou, se você não arrumar ela no outro dia, não adianta mais, porque ela já torceu. Todo dia você tem que tá com o pé dentro da vazante. Mas compensa, porque você não precisa mexer com roça, ela dá pra comer, dá pra comprar gado, dá pra tratar de doença, dá pra vestir. Eu mandei tratar do meu menino e pra mandar tirar do hospital foi com melancia. A mulher ficou internada muitos dias no hospital particular, e pra pagar foi com dinheiro da melancia. Compensa, mas tem que cuidar, quando ela começa a figar [sair as frutinha], as primeiras frutas, vai saindo umas murchinha veia, essas você tem de ir tirando que é para as outras crescer. Se não tirar a sustância dela puxa do pé e não dá nada né.

Então, você tem que tirar e jogar pra fora da rama que é para as outras ficar boa e crescer. Porque, se não, ela puxa a força do pé de melancia.

A melancia redonda “não carrega carro”, ou seja, não rende a ponto de dar uma carga, já a melancia “rajada” é mais cultivada, além de “bonita”, cresce muito, podendo superar vinte e três quilos. O segredo do crescimento e de sua beleza aos olhos de quem a observa é a retirada daquelas que aparentam murchas. Além disso, deve-se regá-la diariamente, porém, não se deve molhar a folha, para evitar sua queima. Ao retirá-la, é necessário que se corte o talo, deixando-o bem curto para evitar de queimá-lo durante o transporte,

A consciência é da gente. Eu nunca tirei uma melancia verde, porque eu conheço. Pode ser de noite eu passo a mão nela e sei que ela tá madura, a ampola da casca, quando ela tá madura, a ampola tá carochuda, ela empola a casca. Quando ela tá verde ela fica lisa igual essa mesa aqui (Nego da Elvira).

O feijão trepa-pau é plantado à lua crescente, além de carregar bem, dá muita baje e rende muitas sacas, caso contrário, cresce pouco e produz pouca baje. Das quatro variedades existentes na região, o de arranco demanda mais segredo no plantio, por depender de pouca chuva para se desenvolver, mas deve ser plantada à lua nova, na passagem para a cheia.

Arroz é plantado no terceiro dia após a lua cheia. Aliás, nesses dias não há restrições para o plantio, já na lua cheia, todo plantio deve ser evitado. Milho deve ser plantado no “calor da terra” ou na véspera das chuvas e no “turvo da lua” ou “chei da lua³⁴”, o que nada mais é que um dia antes de clarear, para que a espiga carregue bem e sem pragas. Na lua crescente, o pé cresce muito, mas boneca³⁵ pouco, nascem poucas espigas e falhadas. A mandioca plantada na lua cheia permite o desenvolvimento completo das raízes no entorno da maniva. Já na minguante, as raízes nascem só de um lado, do outro “só dá madeira” (Abílio, 58).

O atrelamento do calendário do plantio ao ciclo lunar se confunde com tabus locais, pois na sexta-feira nada se planta, já o sábado é o dia universal para se plantar qualquer espécie, pois nesse dia, a lua não faz contato com a terra. “Dia de sábado a lua não faz parte na terra, por isso pode plantar, mas se no sábado for lua crescente, não deve plantar, pois o que determina é a lua” (José Carlos).

Os dias da semana têm dois gêneros, e isto influencia a plantação, já que essa divisão é identificada nos cultivares. “Sábado é macho, domingo é

³⁴ O *chei da lua* significa o turvo dela, ou seja, na véspera imediata da cheia dela, quando está se tornando cheia.

³⁵ Termo que se refere ao afloramento do milho, o que indica a abundância de espigas em cada planta.

macho, segunda, terça, quarta, quinta e sexta é fêmea. Meu pai já falava: sábado não planta nada que é macho. Tudo o que dá cacho não planta tudo que dá cacho é fêmea. Tem que ter experiência da vida” (Ana). Dois dias da semana não se realiza qualquer plantio, sexta-feira e segunda-feira, pois, além de redução na safra, nesses dias, a mandioca tem o sabor amargo e a espiga do milho fica “banguela”. Já a fava (*Phaseolus lunatus*) é isenta. Assim como tem o dia para plantar e o dia que se deve evitar plantar, o mês próprio ao plantio é maio, entretanto, não nos dias pares, sobretudo, o feijão, como sublinha José Carlos

(...) dependendo da planta, você tem o mês de plantar. O mês de maio eu tenho experiência do plantio de feijão. Nesse mês você planta no dia nono, ou seja, dia nove, ou três ou cinco. Dias pares não é bom, mas é só pro feijão que eu sei, desde meu pai já tinha. E eu fiz de outro jeito e não deu certo, aí eu fiz como meu pai fazia. Uma vez eu plantei e não prestei atenção, plantei um feijão numa terra até boa, mas não panhei nenhuma baje. Só deu certo quando fiz como meu pai ensinou.

Além do ciclo lunar, é necessário estar atento aos eclipses na lua e no sol. Esses fenômenos estão mais frequentes e afetam dioturnamente o plantio, queimando a planta.

O sol faz a eclipse, né, a lua também tem a eclipse que é nela uma parte manchada preta. A melancia embola, o arroz dá mofo pra devorar a fruta. Mas o sol é mais, o sol queima a planta, a lua queima menos. A eclipse no sol é do mesmo jeito, ele chega a esfriar o sol. Tá quente, quando você vê, o sol esfria numa vez, você pode olhar que tá a mancha no sol. Você percebe a mancha no chão. E então olha pra cima. Tem vez que dá na lua, meia noite [a eclipse]. A gente não vê, você dá fé quando os trem[plantas] tão queimada (Nego da Elvira).

Para evitar os efeitos do eclipse nas plantas, penduram um litro com água em um galho de uma árvore ou taboca em determinado ponto da área plantada, de forma que supere a altura máxima da plantação. Tal ato protege o cultivo dos eclipses, caso contrário, o algodão não abre o “capuchinho” e o cacho do arroz dá mofo. A força do eclipse pode queimar planta até a sua raiz, mas cada espécie responde diferentemente a tais fenômenos. A lua ainda rege o calendário do plantio, ela é “o planeta do plantio” e “o planeta da terra”. “A lua é o planeta do plantio. Antigamente o sol era um relógio, marcava na sombra da lua. Pisava na lua” (Rita).

Tais práticas se repetem nos contextos tradicionais da Amazônia e de outras regiões. Estudos revelam “correspondências e homologias” (PERONI, 2004, p. 65) análogas entre os diversos povos do Sul e do Norte,

como índios caiçaras da Mata Atlântica e caboclos do Sudeste. No entanto, aqui não cultivam certas raízes e tubérculos como cará (*Dioscorea alata*), batata-doce (*Ipomoea batatas*), taioba, ariá, araruta, amendoim. A domesticação desses produtos deu origem à agricultura nas terras baixas da América do Sul (PERONI, 2004), onde as características do cultivo agrícola como a dependência a ele são análogas ao contexto dos vazanteiros (FURTADO 1993; NODA *et al.*, 2007; WANDERLEY, 2013; NEVES, 1996; BRANDÃO, 1981, 1995).

O trabalho coletivo vai além do cultivo nas vazantes

Como já frisado, uma vazante é cultivada coletiva ou individualmente, cada membro da família pode ter sua própria vazante, a exemplo da família do Zé Damiana. Mulheres, homens e crianças cultivam em espaços delimitados por meio de acordos³⁶ internos na família, permitindo o envolvimento de todos em cada vazante.

Desde 1969 em diante começamos a plantar na vazante. Cada membro da casa tinha uma vazante. A minha era "A", a dele era "S". Cada letra marca a melancia. Marcava na pele da melancia. Quando colocava no caminhão e na hora de tirar sabia de quem que era (José Damiana).

Cada qual tinha sua vazante. Quando tirava a melancia que era pra botar pra vender, a gente marcava tudo, a minha era o 'A', a do José era o 'S', a marca do Edivan era o 'E', a do Cícero era o 'C', a do Billi era o 'R', cada qual tinha a sua marca na melancia. A gente marcava e botava uma diferença, outra letra junto. A gente riscava a melancia, ela tem aquela pele, a pelinha da melancia assim, aí faz aquela marca, aí ela secava e não acabava não (Ana).

Cabe a cada família elaborar suas próprias regras de cultivo, fazer a divisão dos terrenos, mas o escoamento do excedente é feito em conjunto, assim como a partilha e ajuda mútua. Nas etapas do plantio e colheita ou em ocasiões específicas como em enchentes imprevistas que colocam em risco a safra de alguém, os vazanteiros se unem para salvar a produção da inundação, relata Raimundo Bedia:

Plantemo uma vez mandioca na vazante baixa, logo que a água baixou, quando foi pra chover, já tava boa. Arrancamo uma parte, a outra a água cobriu. Rapaz nós botamo gente, naquele ano tinha também um linherão chei de milho, botemo gente, o

³⁶ Cada família combina entre si as áreas de plantio. Geralmente, só os filhos adultos têm suas áreas separadas. Embora a responsabilidade da vazante seja do dono, toda a família se ajuda nas vazantes.

povo saía quebrando milho e fazia um monte, quando vinha de lá pra cá aquele monte já tava boiando. Pegava aquele milho e jogava lá fora, aqui encima do barranco. Nós carregava com dois animal, botava quatro saco em cada animal, fazia aquela pia. Rapaz, ninguém dava conta não, a gente dava milho pros outros, era uma extravagancia mais grande do mundo, era formiga mordendo, ficava todo empolado, era uma multidão de gente no mutirão, era gente demais pra quebrar milho, se fosse você sozinho num dava conta. A mandioca tiramo só umas quatro canoada, o resto num demo conta não, morreram tudo na água.

A prática do mutirão, Eric Sabourin (1999) sublinha como sinal concreto da reciprocidade que se articula nos laços de amizade e afetividades entre as pessoas. Nele, pessoas e símbolos se envolvem e articulam-se como “voluntários-obrigados”. O esforço de todos é fazê-lo parecer uma “celebração de reencontros” (BRANDÃO, 1995, p. 213). Tal simbologia o distingue das demais atividades também por partir de um convite verbal em que o convidado sabe que deve levar sua ferramenta própria. O almoço é ofertado como um dever do dono, já a dona da casa convida vizinhas de sua estima para ajudá-la na cozinha.

O mutirão³⁷ é uma prática remota identificada primeiro em comunidades ameríndias e africanas (CALDEIRA, 1956). Além da Amazônia, em outros contextos temporais e espaciais no mundo exercem-se esse tipo de solidariedade. As práticas agrárias dos Incas no Peru eram regidas pela Lei da Fraternidade, as terras eram lavradas em uma sequência – as terras da viúva, dos órfãos, dos velhos e só depois as do povo. Os Maias (índios pré-colombianos) tinham costumes de se ajudar em grupos de até vinte pessoas (Ibidem). A partilha coletiva predominante na vazante se estende a outras relações na comunidade. Aliás, a agricultura familiar é uma evidência clara da coexistência dos povos tradicionais no presente (BRANDÃO, 1981, 1995; CHAYANOV, 1966; FURTADO, 1993; UCHOA; MATEUS; NODA, 2013; POLANYI, 2000).

Para Noda *et al.* (2007), esse modo de cultivar é econômico, conserva os ecossistemas, pois o foco é o autossustento e a reprodução social. O fazer coletivo que se estende a todas as atividades permite a partilha dos saberes, favorece a unidade da família e é um fator preponderante para a continuidade desses povos e de seus territórios. Não há divisão do trabalho em meio aos vazanteiros, homens e mulheres atuam nos mesmos domínios da vida cotidiana. Laura afirma que em sua casa fazem o que aprenderam com os pais.

³⁷ O termo Mutirão ou *Putirão* (termo tupi) é equivalente a “adjunto”, uma forma de trabalho coletivo de origem ameríndia e africana (CALDEIRA, 1956).

Aqui era os dois na roça, na vazante e na casa. Quando chegava em casa ele não ficava sentado não. A gente ia pra cozinha juntos. Eu vejo assim, se a mulher vai ajudar o homem ele tem direito de ajudar ela também, porque ela largou o dela pra ajudar ele, então é claro que ele tem de ajudar, ficava todo mundo junto. Enquanto eu faço o almoço ele vai lavar as vasilha, tô ajudando ele e ele tá me ajudando.

A exemplo dos vazanteiros após a barragem, tais formas espontâneas de cooperação parecem desaparecer nessa região com a desintegração das famílias e sociedades e a introdução de formas contratuais e mercantis no universo rural.

Esse modo de existir e de viver lidando com a terra e a água de modo sustentável é o que distingue os povos tradicionais das demais sociedades (WOLF, 1976; WOORTMAN e WOORTMAN, 1997; BRANDÃO, 1981, 1995). Para Marshal Sahlins (1975), enquanto esses povos coletam apenas o necessário para sobreviver, a sociedade ocidental busca acumular bens e poder, tendo, para isso, que imprimir o uso intensivo dos recursos naturais. Essa diferença no modo de interagir com a natureza é evidente na relação que os imigrantes locais têm com os ecossistemas. Os sojeiros têm imprimido métodos de depredação dos recursos naturais a ponto de comprometer a disponibilidade da fauna e da flora local. A interconexão homem e natureza por meio das relações telúricas (relações com a terra) inexistem dissociadas da conexão aos ecossistemas regida pelas forças cosmológicas mediadas pela maneira como os vazanteiros percebem e lidam com o entorno e os astros.

Estudar os modos de cultivo contribui para o entendimento da relação homem e natureza (PERONI, 2004). Mais que isto, a agricultura de vazante permite-nos compreender como as forças deletéricas oriundas das hidrelétricas destroem modos de vida reproduzidos há séculos.

‘A chegada da barragem só trouxe prejuízo pra nós’: mudanças no modo de pensar, fazer e viver

Os efeitos do barramento nas vazantes permitem a analogia ao uso que Elmar Altvater faz dos termos “sintropia” e “entropia”. O primeiro corresponde ao “(...) estado e um sistema (fechado) de elevada ordem” (ALTVATER, 1995, p. 45),³⁸ enquanto o segundo, a entropia, é o oposto, é o estado da desordem, ou seja, quando consumimos os recursos não renováveis indefinidamente. O que está em jogo no barramento não é a produção de energia elétrica, mas todo um processo de alterações

³⁸ Elmar Altvater, no livro *O preço da riqueza*, publicado em 1995, faz alusão a esses dois termos à crescente desigualdade social produzida pelo sistema capitalista por meio do esgotamento dos recursos naturais. Um modelo abusivo cujas consequências produzem a diferença – ricos e pobres, ordem e desordem.

ambientais e danos sociais irreversíveis. Na organização societária e na dinâmica local, a barragem imputou a “desordem”. Até o final da última década, a maioria dos vazanteiros não conhecia a existência dos insumos químicos. A introdução do uso de agrotóxicos ocorreu em 2011 quando o Ceste os disponibilizou como meta prevista no Plano Básico Ambiental – PBA. Não obstante, nem todos aceitaram os incentivos agrícolas.

O cultivo em solos arenosos fora das margens do rio demanda conhecimentos sobre espécies de plantas e técnicas específicas e tecnologias que o saber tradicional, reitera Wanderley (2013), não dá conta. As técnicas tradicionais são parte de seu *modus vivendi* articuladas às demais dimensões da sociedade, não uma profissão como a do agricultor cujo conhecimento pode ser aprendido por meio da educação formal. A rejeição aos incentivos se deve ao não conhecimento sobre seus usos e por entender que seus efeitos contaminam a água de rios e igarapés e as plantações. Hoje, com a barragem, tudo mudou, o que resta das vazantes é apenas o cultivo nos despenhadeiros e na terra alta, porém, praticados apenas por algumas famílias, mas longe de prover as vantagens das vazantes. É o que analisamos a seguir.

‘No tempo das vazantes era bom demais’

O protagonismo do rio na constituição das vazantes, a facilidade do cultivo e a abundância de alimentos estão presentes em todas as narrativas. Billi e Nego da Elvira articulam: “Aí você plantava melancia e dava aquele mundo assim. 20 ou 30 melancia dava num pé só. Hoje você planta aqui, dá no máximo três. A diferença era incrível. O adubo, você vê que o bicho tem a força. Nós trabalha menos né. Não precisava nem cercar (...)” (Billi).

Além de prover o sustento local, as vazantes sempre regeram os demais seguimentos sociais nas relações interfamiliares e com os atores externos. A certeza desse processo agrícola alimentava as expectativas sobre o futuro, pois tudo é baseado no tempo do plantio e da colheita. Essa dinâmica ecológica lembra os *Nuer* (EVANS-PRITCHARD, 1972, 1992), que tinham seus modos de vida orientados pelas condições ecológicas determinadas pelo tempo da cheia e da estiagem. Na estação seca, as gretas abertas pelo sol escaldante nos terrenos argilosos retinham água, garantindo a manutenção de gramíneas que sustentavam o gado e o povo *Nuer*. Nos terrenos arenosos cultivavam a agricultura, que garantia a sobrevivência até retornarem. As difíceis condições e o deslocamento não reduzem a afetividade dos *Nuer* com o lugar, pelo contrário, para eles era o melhor lugar do planeta “(...) hay que admitir que para los pastores su país presenta muchas particularidades admirables” (Idem, 1992, p. 67). O apego ao lugar é o maior responsável para que os vazanteiros não deixem

suas terras. Como na Nuerlândia, aqui estações regem o calendário agrícola e a vida local.

A criação de gado, a aposentadoria e o cultivo na terra alta ou nos despenhadeiros, somados às indenizações recebidas, não representam um terço do que as vazantes lhes proporcionavam. Daleco ressalta:

O tempo da vazante eu tinha dinheiro Graças a Deus, porque a melancia eu tirava era de duas três carradas de uma vez. Não tirava assim porque não achava quem carregasse. Mas era uma carrada, duas carradas, eu vendia num era contada a melancia não. Vinha o caminhão que a gente fretava, eu vendia era o taião só pra tu ir mais eu. Mandioca, quando foi pra eu vender farinha, eu vendi foi taião de mandioca. Porque num dava conta de desmanchar. Eu juntava uma turma boa pra fazer farinha e botei um cabra só pra torrar, num tinha um dia pra não ter duas fornadas.

Deslocado de suas vazantes, Edivaldo, sua esposa e duas filhas buscam se adaptar na Vila Paciência ou “Cachorro magro”, a doze quilômetros de sua terra. O sustento hoje vem da remuneração que recebe como porteiro da escola local e dos “bicos”³⁹ como ajudante de pedreiro. Com a indenização que recebeu, comprou uma casa sem acabamento, onde vive atualmente, porém é unânime que a indenização não paga os danos materiais e imateriais.

Eu tinha um plantio de mandioca, mais ou menos uma tarefa assim, mas também era limpinha limpinha. Eu gostava das minhas coisas, era bem zelada. Eu tinha minha casa de farinha pra li. Moço! eu gostava demais de lá. Eu gostava, eu imaginava assim, como é que eu fazia para mim dispor daquilo ali. Aí eu imagino, mas eu me acostumo né. Eu plantava arroz, plantava milho, feijão, essas coisas tudo. A minha fartura eu tinha tudo. Tudo na beira do rio lá. Eu pensava, como é que eu vou dar conta de sair daqui. Ai quando é um dia, chegou um patrão lá, um fazendeiro e me disse: rapaz você não quer trabalhar pra mim? aqui pertinho, tô precisando de um vaqueiro. Sua família é pequena, serve demais para mim. Chega me deu uma comoção ruim, pois eu acabei de aprontar minha casa, ai sair e largar ela ai. O dia que tive que dar as costas pra minha casa me dava um ruim, eu me lembrava da minha casa, do meu sítio, das minhas coisas, lembrava de tudo (Edivaldo, 46).

A barragem provoca mudanças extremas no modo de sentir, ver e viver o entorno, atingindo todos os aspectos da vida pessoal e coletiva

³⁹ Refere-se às atividades extras remuneradas, que não configuram vínculo. Seu objetivo é complementar o salário recebido do emprego.

(BRANDÃO, 1995; MAGALHÃES, 2007). Efeitos que pouco se distinguem das mudanças ocorridas no contexto social dos vargeiros do Baixo Amazonas (FURTADO, 1993), dos camponeses da várzea do rio Solimões (FRAXE, 2000) ou dos lavradores de Mossâmedes em Goiás (BRANDÃO, 1981, 1995). A dependência às relações mercantis e ao contexto urbano em virtude desse processo, atesta Furtado, reduz a “autonomia” sobre o modo de produção e demanda reordenamentos em todos os âmbitos, econômicos, sociais e culturais (POLANYI, 2000). Desde a barragem, além da desintegração das famílias, mecanismos de fora (da cidade) são introduzidos no contexto local, sendo adotados pelos vazanteiros, o que justifica a diminuição de práticas solidárias. Equipamentos elétricos, insumos e acesso à informação ampliam-se. Todos esses fatores, destaca Zent (2013), contribuem para as transições no conhecimento e nas práticas locais. Apesar da capacidade local de absorção de tais intervenções sociais sob ritmo⁴⁰ próprio, como defende Mark Harris (2006, p. 91), a forma compulsória com que ocorre esse processo despreza a participação e a vontade local. Com efeito, inconformados, eles resistem e tentam continuar com seus costumes tradicionais. Essas pessoas, reitera Harris (2000, p. 18), “(...) não simplesmente respondem a um conjunto de condições externas, mas intervêm diretamente no fazer dessas circunstâncias”.

Relações de troca e reciprocidade no médio Tocantins

Há de convir que o estudo das relações de troca e reciprocidade inerentes às relacionalidades dos povos tradicionais é, epistemologicamente, tanto quanto paradoxal, de forma que seus conceitos ora os distanciam, ora os aproximam. Nessa ótica, o grande legado de Marcel Mauss (1975, 2012) talvez tenha sido possibilitar a continuidade, até hoje, do paradoxo envolvendo as noções de “dádiva”, “troca” e “reciprocidade” existentes nas relações humanas. Suas teorias serviram de base para estudar relações econômicas, sociais e culturais em diversos contextos, porém, não há um consenso no que tange à distinção entre esses dois termos. Lévi-Strauss (1960-1977) se serviu das incursões de Mauss para entender a reciprocidade como sendo o eixo de organização das estruturas elementares (SABOURIN, 1999). Marshal Sallins por meio do termo “contrato social” diz que a reciprocidade se sustenta pela operação do sentimento da gratuidade. Já para Caille (1998), como admite Eric Pierre Sabourin, o paradigma da reciprocidade ou da dádiva é a não expectativa do retorno. Para Temple (1999), o que distingue a semântica desses termos é a certeza da “reversibilidade”, da

⁴⁰ Exemplos de ritmos, aponta Harris, são: os ciclos da vida, o ciclo diário, do mercado no fornecimento de alimentos e seus preços; o rio; e, em outro sentido, a história da Amazônia, que é outro ciclo em virtude do domínio de comodidades que chegam e se vão rápidas.

reciprocidade, pois na troca, o cerne da relação é a permutação daquilo que está sendo intercambiado. Já Lévi-Strauss admite que a troca pode também ser configurada como reciprocidade pelo seu valor moral compartilhado pelos dois protagonistas envolvidos no intercâmbio e, nesse ínterim, ela os satisfaz.

Sem teorizar sobre reciprocidade, as ideias de Mauss (1975) abriram espaço para o “robusto” debate a respeito do tema nas últimas décadas. Sinteticamente, para Mauss, dádiva se opõe à troca no sentido estrito de intercâmbio, ao mesmo tempo a “reciprocidade é definida como um caráter universal (geral) da tríplice obrigação de “dar, receber e retribuir”. A noção de reciprocidade e troca veiculada por nós a partir da realidade em voga visa menos edificar uma noção que distingue ou aproxima esses termos e mais tentar entender as relações sociais idealizadas como instrumento de reprodução dos modos de vida dos vazanteiros.

Brandão (1981, 1995) classifica as relações sociais em dois eixos: horizontal e vertical. No primeiro, as relações homem e natureza; e no segundo, todas as formas de conexões interfamiliares. Os sistemas de trocas de serviços emanados das relações neste eixo “mediatizam e definem modalidades de relações entre cada categoria de produtor e a natureza” (BRANDÃO, 1981, p. 46).

No médio Tocantins, as relações sociais envolvendo troca e reciprocidade remontam aos primeiros ocupantes⁴¹ (caçadores-coletores) que compartilhavam os recursos da floresta e dos rios, suas invenções, conforme suas necessidades. Culturas de sociedades distintas se diluíram, porém tais fenômenos socioculturais têm sido reproduzidos a exemplo dos vazanteiros por meio de sua historicidade associada à estreita interação com os ecossistemas e a pouca dependência aos centros urbanizados. As relações entre os vazanteiros e o rio na formação das vazantes, prática do mutirão, compartilhamento de objetos e alimentos, opiniões e afetividades que se internalizam como forma de ajuda e socialização sob uma ética própria (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997). Diárias, força de trabalho, trocas de energias, favores, opiniões continuam, contudo, com a limitação da prática agrícola nos despenhadeiros e terra alta, tais costumes são cada vez mais raros. Tudo isto, como já antecipamos, e o intercâmbio de sementes usadas no plantio, como veremos a seguir, são palcos para troca e reciprocidade.

As sementes como objeto de troca

As sementes são apropriadas como patrimônio da unidade familiar, pois são cuidadosamente selecionadas da melhor safra logo após a colheita. Então são preparadas colocando-as sob a luz do sol para secar

⁴¹ Os povos primeiros (caçadores coletores) partilhavam os recursos da floresta e dos rios, suas invenções, conforme suas necessidades.

em um pano aberto, daí são guardadas e conservadas até o plantio seguinte. É costume local, quando não se tem determinada semente, recorrer ao vizinho, e este o doa do seu estoque sem a exigência ou intenção explícita de um retorno. A doação de semente nem sempre se configura uma troca, mas um gesto de generosidade: “Aqui quando eu num tinha uma semente de um tipo de melancia, eu ia lá no fulano e ele me dava, hum, isso era demais aqui” (Dejanira). Não há um caráter obrigatório caracterizando uma dívida, nem gera, por parte de quem doa, a expectativa de receber algo em troca.

A reciprocidade, portanto, produz uma situação agonizante por converter o ato de receber em uma obrigação (MAUSS, 2002), porém, ela é um elemento cultural que cria laços de amizade e afetividade, essencial à “qualidade das relações humanas” (SABOURIN, 1999 p.46). Se no mutirão e nas diárias há a expectativa da recompensa, as trocas de objetos ou de sementes caracterizam uma configuração comunitária. Tais fenômenos contribuem para a reprodução de um cultivo livre de insumos químicos como se configura o cultivo nas vazantes, hortaliças, e todos os produtos são orgânicos.

O modo local de socialização parece ter o caráter de uma dádiva (MAUSS, 2002), além de corresponder às necessidades locais com a prestação de ajuda, favores, gentileza à satisfação ao doador, permite a organização de cadeias de mutualidades. Essa concepção é definida através da noção do trocadilho “dar e receber”, enquanto princípio de interação social que se consolida na circulação de bens, força de trabalho no cultivo agrícola e bens sociais, como obrigações, favores, dentre outros. Admitimos que o modo de vida baseado na reciprocidade reduz os impactos do “isolamento”.

Furtado (1993) remete a Godelier (1984, p. 284) dizendo que inexistente uma única forma de circulação de bens. A falta de univocidade se deve “ao caráter limitado das trocas e à ausência, até mesmo, a um fraco desenvolvimento de fatores de produção mercantil” (FURTADO, 1993, p. 367). O jeito recíproco de relacionar-se configura uma vida em comunidade que, segundo Furtado (1993), se baseia nos laços relacionais mantidos com as pessoas e com o lugar. Essas relacionais são análogas à expressão “espírito de reciprocidade” usada por Woortamann (1990, p. 57) para distingui-la da troca. O sentido de reciprocidade se internaliza no espírito, sobretudo de quem dá, não configurando troca/circulação concreta de objetos (POLANYI, 2000).

Como vimos, o rio e a terra desenvolvem uma relação de troca e de reciprocidade por meio de papéis bem definidos, não pelo homem, mas que a própria natureza a concebeu e a organizou. Enquanto a terra e o rio ofertam aos vazanteiros a fertilidade, recebem deles o suor e a energia através do calor humano. A terra parece os compreender e eles também

parecem entender a terra e suas limitações, a ponto de plantar somente os cultivares que melhor se adaptam a cada solo. O homem, afirma Ellen Woortmann (2004, p. 133-34), “não deve forçar a terra a dar aquilo que não é de sua vocação, isto é, não deve corrigir o solo, como se a natureza pudesse estar errada”. Essa relação de respeito revela uma lógica simbólica de equilíbrio entre a ação do homem e a da natureza, e neste ínterim, há uma humanização da segunda e, enquanto sujeito racional, expressa sentimento e necessidades, subjetividades que não são compreendidas pela lógica de produção capitalista.

O desaparecimento dessas relacionalidades tradicionais configuram o processo de mudanças oriundas do barramento. Este não vê as margens do rio como um espaço destituído de significados, enquanto os vazanteiros as têm como repletas de significados (TUAN, 1983). As vazantes são um espaço geológico, social e habitado (ESCOBAR, 2005). O pão que sai da terra é resultado do suor e do manejo afetivo e íntimo dispensados pelo vazanteiro, num processo interativo em que terra, rio e os demais elementos da natureza participam de forma interativa. Vimos que esse processo não se resume apenas em troca de energia, como propunham as teorias neofuncionalistas, nem em determinismos ou adaptabilidade entre essas duas dimensões, pois nessa inter-relação entre essas duas “agências” – homem e natureza – (BALEÉ, 1989; ALENCAR, 2014) não há um perdedor, como há no modo de produção capitalista, não se visa vantagens envolvendo a dicotomia entre ganho e perda como nas relações capitalistas com a terra. O que há é um sentimento de satisfação de ambos os atores. O respeito parece reger em ambos os lados, pois as transgressões cometidas à natureza podem ser vingadas por ela por meio da negação do alimento, ou pelo seu envenenamento. Assim como a chuva é uma bênção, a seca é um castigo de Deus pelo desrespeito do homem à terra (BRANDÃO, 1990). Deus envia a chuva para encher o rio, que prepara as vazantes levando o insumo natural formado da mistura de restos da vegetação podre que está em suas margens, e o vazanteiro derrama seu suor fazendo a limpeza das margens a serem plantadas e com isto desenvolve a agricultura de vazante.

Conclusões

As análises das particularidades da agricultura de vazante, suas relacionalidades socioculturais como troca e reciprocidade propagam que a implantação de hidrelétricas gera danos irreversíveis que se proliferam, prolongam e se multiplicam comprometendo as dimensões da vida dos vazanteiros. Isto destrói relações culturais e cosmológicas entre o vazanteiro e o rio e a terra, sob as quais se constituíram enquanto categoria e desenvolveram modos próprios de viver e de lidar com a

natureza que os tem garantido a reprodução de suas tradições por cerca de dois séculos.

A agricultura de vazante, como um fenômeno socioambiental, resulta de forças correlativas e forças cosmológicas inerentes à interação entre a natureza e o vazanteiro numa relação recíproca, de forma que tem garantido a reprodução física e social local por mais de dois séculos. Por isto, a agricultura de vazante ultrapassa sua materialidade para ser também um distintivo social e cultural, possibilitada pela relação de simbiose entre os dois atores, edificada sob um modo tradicional de relacionar-se. As interações pragmáticas – homem- natureza – baseadas no respeito recíproco são características intrínsecas às vazantes.

O rio, por sua função plural, é compreendido como um ser que está além do ôntico (noção superficial do ser no senso comum). Para eles, o rio é um ser ontológico, cujo significado supera seu sentido material para ter um sentido simbólico e sagrado. O rio é, portanto, um agente parceiro, cuja tarefa e participação na produção agrícola era indispensável para garantir a reprodução física e social dos vazanteiros. Enquanto seres ontológicos, a terra e o rio são sagrados, integrantes dos modos de vida e da dimensão sociocultural, portanto, indissociáveis um do outro e dessas pessoas. Toda esta interconexão remota entre a terra, o rio, o ciclo das estações e as mãos do homem das vazantes e que permitiu o desenvolvimento de modos específicos de cultivo observando a influência dos astros e eclipses foi colocada em jogo de forma irreversível pelo barramento. Com isto, tabus e práticas locais como o ato de não plantar na segunda-feira e na sexta-feira, ou que o sábado é o dia em que a lua não faz contato com a terra, configurando-se, portanto, como o dia propício ao plantio, e toda a relação estreita com cada cultivo e o solo pode estar com os dias contados, dadas as consequências irreversíveis protagonizadas pelo barramento.

A barragem produziu um desordenamento na dinâmica natural dos ecossistemas e, conseqüentemente, nos modos de produção e modos de vida dos vazanteiros do médio Tocantins, ao interromper o ciclo natural das cheias, suprimindo definitivamente o cultivo na vazante baixa. Se a cultura da agricultura de vazante tem sido reproduzida e tem sido indispensável à reprodução dos vazanteiros, suas tradições e seus modos de vida é porque esse modo tradicional de lidar com a natureza é ambiental e socialmente sustentável, pois não interfere na dinâmica da natureza como tem feito a barragem. Essa teorização vai contra as noções que pensavam as práticas tradicionais como promotoras de destruição dos ecossistemas. A própria agricultura de vazante é uma prática milenar que perpassou centenas de gerações, em vez de destruir a natureza, permite seu equilíbrio não impedindo sua reprodução e a continuidade de seus fenômenos. No entanto, ascendem-se as preocupações sobre o

futuro dos vazanteiros-pescadores e de suas tradições diante das transições decorrentes das alterações dos ecossistemas por meio do barramento.

Importante frisar que, apesar da antiguidade e simbologia, a agricultura de vazante tem sido pouco evocada como objeto de estudos. Na arena pública, ainda não há uma legislação local ou nacional que a delega ou a regulamente, o que significa que os vazanteiros até hoje também não são situados no âmbito público e jurídico como uma categoria social dotada de direitos. Então, não são compreendidos nem respeitados por terem um modo particular de viver baseado na interdependência com a natureza. A realidade local mostra que os vazanteiros, seus costumes e tradições têm sido endereçados em uma agenda que parece promover, a qualquer custo, seu desaparecimento nos próximos anos. Isto se deve ao aumento incondicional das barragens e de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) nos rios nacionais, sobretudo nas últimas décadas. Torna-se cada vez mais claro que esse fenômeno conhecido por agricultura de vazante pode estar com os dias contados no Brasil. Notadamente, o que está sendo suprimido não é somente um modo tradicional de manejo, mas um modo sustentável de lidar com a natureza respeitando sua dinâmica e permitindo sua reprodução.

Todo um conjunto de atributos socioculturais intrínsecos também deixam de existir, como o mutirão, o costume das trocas tão comuns outrora, estão cada vez mais raros. A barragem é incapaz de compreender que tais atributos fortaleciam os laços de amizade e de parentesco e que, portanto, não são exógenos à relação com os ecossistemas, pelo contrário, ocupam uma mesma linha simétrica. Diante do exposto, não se pode pensar os vazanteiros-pescadores dissociados de seus antepassados e dos fenômenos naturais representados pela agricultura de vazante. Deve-se pensar outras formas de desenvolver, como o “etnodesenvolvimento”, em vez de excluir ou ignorar os povos tradicionais, seus territórios e seus direitos como uma sociedade dotada de um modo particular de representar-se na natureza. Deve-se pensar esses povos e suas “representações culturais” como exemplo sustentável de manejo das águas dos rios e de suas margens.

Referências bibliográficas

ACSELRAD, H. *Que desenvolvimento queremos?* Entrevista sobre a RIO+20. Porto Alegre, 23 abr. 2012.

- ALMEIDA, A. W. B. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*, v. 6, n. 1. 2004, p. 9-32.
- ALTVATER, E. *O preço da riqueza*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1995.
- ARAÚJO, F. P. de; PORTO, E. R. e SILVA, M.S.L. da. *Agricultura de vazante: uma opção de cultivo para o período seco*. Embrapa Semi-Árido. Instruções Técnicas. 2004.
- BRANDÃO C. R. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Graal. 1981.
- _____. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *A partilha da vida*. GEIC/Cabral Editora, 1995.
- BUENO, Lucas de M. R. *Variabilidade tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, Médio rio Tocantins*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2005.
- CAILLÉ, A. Nem holismo, nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências sociais*, v. 13, n. 38, São Paulo, 1998, p. 5-38.
- CALDEIRA, C. *Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural*. Companhia Editora Nacional, 1956.
- _____. (Org.). *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Fraser*. In: Campos – *Revista de Antropologia Social*, 2005.
- CASTRO, V. B. de; BARROS, F. B. Depois da Barragem Tudo Mudou: o Drama da Pesca e dos Pescadores Artesanais do Médio rio Tocantins. *Revista GeoAmazônia*, v. 3, n. 5, 2015.
- _____.; PEREIRA, H. dos S. As Gerações de Mulheres Pescadoras e As Transformações da Pesca no médio rio Tocantins. In: Torres, I. C. (Org.). *Caderno de Resumos [expandido] do 1º Encontro de estudos sobre mulheres da floresta: gênero, trabalho e meio ambiente*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- DESCOLA. P. *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994a [1986]
- ESCOBAR, A. O Lugar da Natureza e a Natureza do Lugar: globalização ou Pós-Desenvolvimento? In: Lander, Edgardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO: 2005, p. 133-168.
- EVANS-PRITCHARD, E. E., & COELHO, A. M. G.. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Ed. Perspectiva, 1978.
- FERNANDEZ-GIMENEZ, M. E., Huntington, H. P. e Frost, K. J. *Integration or co-optation? Traditional knowledge and science in the*

- Alaska Beluga Whale Committee. Environmental Conservation, v. 33. n. 4, 2006, p. 306-315.
- FRAXE, T. J. P. *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. São Paulo: Editora AnnaBlume, 2000.
- GLUCKMAN, M. *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*. Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1987, p. 227-344.
- GODELIER, M. *L'idéal et le matériel*. Paris: Fayard, 1984.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. 3ª. ed. São Paulo: Editora Record, 2013.
- HARRIS, M. *Life on the Amazon: the anthropology of a Brazilian peasant village*. Oxford: University Press, 2000.
- INGOLD, T. From the transmission of representations to the education of attention. In: H. Whitehouse (Ed.), *The Debated Mind: Evolutionary Psychology versus Ethnography*. Oxford: Berg, 2000, p. 113-153.
- _____. *To learn is to improvise a movement along a way of life*. Institut Nicod, LSE Annual Fund, abr. 2010.
- MAGALHÃES, S. *Lamento e dor: uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFPA) e École Doctorale Vivant et Sociétés (Paris XIII). Belém: UFPA, 2007.
- MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAUSS, M. Ensaio sobre as Variações Sazonais da Sociedade Esquimó. In: Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003, p. 425-505.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo. Do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- MONSMA, K. James C. Scott e a resistência cotidiana no campo: uma avaliação crítica. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. n. 49, 2000, p. 95-121.
- MORALES, W. F. Um estudo de arqueologia regional no médio curso do rio Tocantins, no Planalto Central Brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 2007, p. 69-97.
- NEVES, D. P. Os ribeirinhos-agricultores da várzea: formas de enquadramento institucional. *Novos Cadernos NAEA*, v. 12, n. 1, 2009.
- NEVES, W. *Antropologia ecológica*. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- NOBREGA, R. da S.; Kleppa, L. e G., Novoa, L. F. A cheia e o vazio. In: Locatelli, Carlos (Org.). *Barragens imaginárias. A construção de hidrelétricas pela comunicação*. Florianópolis: Editora Insular, 2015, p. 197-220.

- NODA, S. *Agricultura Familiar na Amazônia das Águas*. 1ª. ed. Manaus: EDUA, 2007.
- OLIVEIRA, M. de F. Rio Tocantins: Lugar de memórias e identidades. *Revista Mosaico*, v. 1, n. 2, 2008, p. 163-168.
- PEDREIRA, A. C.; ZIMMERMANN, M. A. Programa SALTESTREITO: a pesquisa na abrangência da UHE Estreito. In: Pedreira, A. C. (Org.). *A região a UHE Estreito: investigação e interpretação da sucessão temporal e espacial em que se dá a história humana*. Palmas: UNITINS, 2014, p. 9-61.
- PATERNOSTRO, J. *Viagem ao Tocantins*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- PERONI, N. Agricultura dos pescadores. In: Begossi, A. (Org.). *Ecologia de pescadores da mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: Ucitec, 2004.
- POLANYI, K. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Tradução de Fanny Wrabel. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Compus. 2000.
- RODRIGUES, L. A. *O rio dos Tocantins*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1945.
- SABOURIN, E. P. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. *Raízes*, ano XVIII, n. 20, 1999, p. 41-49.
- _____. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66, 2008.
- SAHLINS, M. *Stone age economics*. Londres, 1975.
- SCHWARCZ, L. *Agenda Brasileira: temas fundamentais para a sociedade*. Debates organizados pela Companhia das Letras e Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, 5 abr. 2014.
- SOUZA, M. C. de; FAUSTO, C. Reconquistando o campo perdido: o que Lévi-Strauss deve aos ameríndios. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 47, n. 1. 2004.
- STAVENHAGEN, R. Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. *Anuário Antropológico*, n. 84, 1985, p. 11-44.
- TASSARA, E. T. de O.; ARDANS, O. *Mapeamentos, diagnósticos e intervenções participativos no campo socioambiental*. São Paulo: Ibccc-Unesco, 2008.
- TEMPLE, D. *Teoría de la reciprocidad*. La Paz, Padep-GTZ [Tomo I: “La reciprocidad y el nacimiento de los valores humanos”; Tomo II: “La economía de reciprocidad”; Tomo III: “El frente de civilización”]. 2009.
- TOLEDO, V.; BARRERA-BASSOLS. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 20, Editora UFPR, jul./dez. 2009, p. 31-45.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

- TRIVINOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- UCHOA, G. M.; DE DEUS MATEUS, W.; NODA, S. *A configuração da agricultura familiar amazonense na Região Metropolitana de Manaus (RMM): aspectos culturais e questões ambientais*. VII Jornada Internacional de políticas públicas. 2013.
- WANDERLEY, M. de N. B. *Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade*. *Estudos sociedade e agricultura*, v. 1, 2013.
- WOLF, E. R. *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- WOORTMANN, K. *“Com Parente Não se Negueia”*: o Campesinato como Ordem Moral. Anuário Antropológico de 1987. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.
- WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN K. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1997.
- WOORTMANN, E. F. *O saber tradicional camponês e inovações*. O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.
- ZENT, S. *Processual perspectives on traditional environmental knowledge: continuity, erosion, transformation, innovation*. Understanding cultural transmission in anthropology: a critical synthesis. New York and Oxford: Berghahn Books, 2013.

CASTRO, Vonínio Brito de, Flávio Bezerra Barros, Rosa Elizabeth Acevedo Marín e Nirvia Ravena. Os vazanteiros, a agricultura de vazante e as barragens da destruição no Médio rio Tocantins: perspectivas etnoecológicas. *Estudos Sociedade e Agricultura*, fevereiro de 2018, vol. 26, n. 1, p. 65-102, ISSN 2526-7752.

Resumo: *(Os vazanteiros, a agricultura de vazante e as barragens da destruição no Médio rio Tocantins: perspectivas etnoecológicas)*. As sociedades humanas distinguem-se no modo de viver e lidar com a natureza, enquanto a sociedade ocidental busca a todo custo exaurir os recursos naturais, os vazanteiros-pescadores do médio Tocantins lidam com a natureza sustentados no respeito recíproco. O propósito neste texto é pontuar e analisar as particularidades associadas a um sistema de cultivo

milénar, exercido e denominado agricultura de vazante ou “Vazantes”. Os dados foram coletados entre 2007 e 2017 no âmbito do mestrado e no desenvolvimento da tese de doutoramento concluída no início de 2018, por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas e não estruturadas. Os resultados mostram que os vazanteiros-pescadores exercem o cultivo nas vazantes sob particularidades próprias que incluem medidas específicas entre covas, número de sementes, tabus, trocas e reciprocidades inerentes no cultivo agrícola e relações sociais que conformam seus modos de vida local. Além de sustentável, nessa forma de cultivo, a terra parece compreendê-los e eles também parecem entender a terra e suas limitações, a ponto de plantar somente os cultivares que melhor se adaptam a cada solo. A realidade local mostra que os vazanteiros, seus costumes e tradições têm sido endereçados em uma agenda que parece promover, a qualquer custo, seu desaparecimento nos próximos anos. Isto se deve ao aumento incondicional das barragens e de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) nos rios nacionais, sobretudo nas últimas décadas. Torna-se cada vez mais claro para nós, que esse fenômeno conhecido por agricultura de vazante possa estar com os dias contados no Brasil.

Palavras-chave: relação sociedade e natureza, desenvolvimento, povos e comunidades tradicionais, rio Tocantins.

Abstract: (*The vazanteiros, the agricultura de vazante and dams of destruction in the mid-Tocantins River: ethnoecological perspectives*). Human societies are distinguished by their ways of living and dealing with nature. While western society seeks at all costs to exhaust natural resources, the *vazanteiros*-fishers in the mid-Tocantins deal with nature sustained by mutual respect. Our purpose in this text is to identify and analyze the particularities of a millenarian cultivation system that is still exercised and is called *agricultura de vazante* or “Vazantes” (floodplain agriculture). The data were collected between 2007 and 2017 within the master’s degree and the development of the doctoral thesis concluded at the beginning of 2018, through participant observation and semi-structured and unstructured interviews. The results show that the *vazanteiros* developed their cultivation in “vazantes” in accord with their peculiarities, which include specific measures between the hills for seed planting, the number of seeds, taboos, exchanges and reciprocities inherent in agricultural cultivation and social relations that denote their local mode of living. Besides being sustainable, in this mode of cultivation, the earth seems to understand them and they also seem to understand the earth and its limitations, to the extent that they plant only plants that best suit each soil type. The local reality shows that the *vazanteiros*, their customs and traditions. have been addressed in an

agenda that seems to promote, at whatever cost, their disappearance in the coming years. This is due to the unconditional increase in dams and Small Hydroelectric Power Plants (SHP) in national rivers, especially during the last few decades. It is becoming increasingly clear to us that this phenomenon known as agricultura de vazante may have its days numbered in Brazil.

Keywords: relations society and nature, development, traditional peoples and communities, Tocantins River.

Recebido em janeiro de 2018.

Aceito em janeiro de 2018.